

SÔNIA REGINA MONSORES BOMFIM

Espaço Educativo não formal: práticas na escola pública

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Graduação de Licenciatura em Pedagogia Plena, ao Departamento de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, curso ministrado na Faculdade de Formação de Professores.

São Gonçalo
2014

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

B695 Bomfim, Sônia Regina Monsores.
Espaço educativo não formal: práticas na escola pública/Sônia Regina
Monsores Bomfim - 2014.
32f.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Gianine Maria de Souza Pierro.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do Rio
de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Inovações educacionais 2. Escolas públicas - São Gonçalo (RJ)
I. Pierro, Gianine de Souza. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Faculdade de Formação de Professores, Departamento de Educação. III.
Título.

CDU37.014(81)

SÔNIA REGINA MONSORES BOMFIM

Espaço Educativo não formal: práticas na escola pública

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Graduação de Licenciatura em Pedagogia Plena, ao Departamento de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, curso ministrado na Faculdade de Formação de Professores.

Aprovado em: _____

Professora: Gianine Maria de Souza Pierro (Orientadora)
Departamento de Educação – FFP - UERJ

Professora: Helena Amaral da Fontoura (Parecerista)
Departamento de Educação – FFP - UERJ

São Gonçalo
2014

AGRADECIMENTO

A Deus que sempre me protegeu nesta caminhada como em toda minha vida e que permitiu chegar até aqui.

Aos meus amados pais, Waldonier Francisco Monsores, obrigada por fazerem parte da minha caminhada.

Ao meu marido Cláudio Sérgio Rozendo do Bomfim, obrigada pela compreensão, amor e carinho.

Aos meus filhos Cláudio Sérgio Rozendo do Bomfim Júnior, Bruno Rozendo do Bomfim e Felipe Rozendo do Bomfim, pelos momentos de confraternização, no momento que me sentia triste e desaminada.

Ao meu cunhado João Rozendo do Bomfim Neto e concunhada Rosane de Souza Prado, que sempre acreditou, apoiou e me incentivou.

A minha orientadora, a professora Gianine Maria de Souza Pierro, que contribuiu pela realização deste trabalho acadêmico.

Aos meus professores de graduação da Faculdade de Formação de Professores dos anos de 2010 a 2014.

Aos profissionais do CIEP 045 – Porto do Rosa – São Gonçalo, no ano de 2012 e 2013, pela acolhida e compartilhamento de saberes docente.

Aos meus queridos colegas de graduação e de pesquisa Bruna Tavares, Thiago Silva, Dulcinéia da Costa, Monyque Tostes, Tatiana Carvalho, Sabrina Vale e Isabela Barros pela amizade e pelo constante incentivo.

Enfim, a todos aqueles que colaboraram direta e indiretamente pela realização deste trabalho.

A vida que pulsa dentro de nós, independente de nossos erros, acertos,
status e cultura é uma jóia única no teatro da existência;
Cada ser humano é um mundo a ser explorado, uma historia a ser
compreendida, um solo a ser cultivado.

Augusto Cury

RESUMO

Este trabalho monográfico tem como objetivo investigar práticas de educação não formal no âmbito da escola pública, contribuindo para a qualidade do processo de ensino aprendizagem, na medida em que os espaços educativos podem proporcionar oportunidades de realização de experiências e aprendizagem nos diversos segmentos da sociedade. Nesta pesquisa, dedicada ao diálogo sistemático entre os sujeitos envolvidos professores pesquisadores e alunos, buscou-se compreender as práticas interdisciplinares enquanto forma e conteúdo, ações e saberes e como proposta de discutir a educação não formal e a participação de professores e alunos, analisando e identificando essa relação, evidenciando o processo educativo. E ainda refletir e ampliar as ações que aconteceram junto ao projeto de pesquisa: *A universidade em ação, contribuindo para a qualidade da escola básica em São Gonçalo*, financiado pela Faperj em 2012.

Palavras-chaves: Espaços educativos não formais; processo de ensino-aprendizagem; práticas pedagógicas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
CAPÍTULO I	09
1.1 – Contextualização da Educação não formal	12
CAPÍTULO II	15
2.1 – Visitas Exploratórias.....	16
2.2 – Sala de Leitura	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31

INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico tem como objetivo investigar práticas de educação não formal no âmbito da escola pública, contribuindo para a qualidade do processo de ensino aprendizagem, na medida em que os espaços educativos podem proporcionar oportunidades de realização de experiências e aprendizagem nos diversos segmentos da sociedade.

Esta pesquisa também tem como finalidade refletir e ampliar as ações que aconteceram junto ao projeto: *A Universidade em ação, contribuindo para a qualidade da escola básica em São Gonçalo*, financiado pela Faperj em 2012 e coordenado pela Prof^a Gianine Maria de Souza Pierro, destacando as questões voltadas para espaços educativos não formais. Este projeto foi realizado em parceria a uma escola pública na cidade de São Gonçalo e foi desenvolvido junto com os alunos e profissionais das séries iniciais do Ensino Fundamental daquela unidade escolar.

A aprendizagem é um processo que o indivíduo realiza em sua relação com o mundo. Segundo Fontoura, Pierro e Chaves (2011) o ensino “implica no desenvolvimento, formação humana e profissional” (p.23) ampliando, além da dimensão cognitiva as questões da afetividade, moralidade, sociabilidade e cultura.

O caráter intencional que as práticas educativas carregam em si, de certa forma, marcam o espaço da escola pela formalidade, porém não impedem que a educação e a escola sejam pensadas em diferentes cenários a fim de interagir com diversos modelos culturais.

No mundo atual cada vez mais marcado pela diversidade, globalidade e pelo pluralismo cultural, é fundamental buscar e apresentar diferentes pontos de vista, preservando a singularidade de cada um e afirmando a identidade histórica de cada povo, promovendo desta forma o intercâmbio e o respeito mútuo entre todos. Neste cenário também, situam-se as práticas e espaços da educação não formal.

Sendo assim, através da educação não formal o processo de aprendizagem poderá permitir ao aluno desenvolver junto a outras disciplinas, sua cidadania, para poder exercer plenamente seus direitos.

A educação pode ser fundamental para a redução das desigualdades sociais, sobretudo quando nos voltamos para ações educativas onde as experiências e

aprendizagens ampliam o universo social de crianças e jovens. Somos educados no sistema formal de ensino, nas escolas, aprendendo vários conteúdos importantes para nosso desenvolvimento cultural, profissional e social. As contribuições que as práticas da educação não formal podem trazer para a escola e o processo de aprendizagem não deveriam ficar em segundo plano.

O tema escolhido despertou o meu interesse, pois senti necessidade de conhecer a amplitude do trabalho do educador e de como essa atuação pode colaborar nas transformações sociais, construindo em diferentes espaços educativos a possibilidade de emancipação dos sujeitos. Durante todo o período de graduação falou-se muito na educação escolar, contudo, houve interesse de sair desse âmbito e abranger novas perspectivas, avaliando o contexto social. Nesse sentido, a pesquisa abordou esse assunto tendo por finalidade discutir a intencionalidade da educação não formal e a atuação do professor, analisando e identificando essa relação, evidenciada no processo educativo.

Desse modo, a discussão sobre o tema da educação não formal traz novas possibilidades de se pensar o papel da educação na sociedade. A educação sofre mudanças em seu conceito, pois deixa de restringir o processo ensino-aprendizagem aos espaços escolares formais, transpondo os muros da escola para diferentes e diversos segmentos como: ONGs, família, trabalho, lazer, igreja, sindicatos, clubes, etc. Abre-se aqui um novo espaço para a educação, propondo uma estrutura interessante à educação não formal.

Hoje, o professor está sendo inserido em um mercado de trabalho mais amplo e diversificado possível. A sociedade atual exige cada vez mais profissionais capacitados e treinados para atuarem nas diversas áreas, e pensando assim, o profissional da educação também deve ampliar suas ações explorando e desenvolvendo práticas que ampliem a aprendizagem.

Este trabalho utilizará como metodologia a pesquisa exploratória, através de levantamento bibliográfico no capítulo I e análise de dados no capítulo II que foram obtidos no trabalho de campo em uma escola do Município de São Gonçalo/RJ.

Como este tema ainda é pouco discutido no curso de Pedagogia da UERJ-FFP, este estudo poderá contribuir para que o meio acadêmico obtenha mais informações na realização de futuros questionamentos, oferecendo dados para reforçar considerações a respeito do assunto.

CAPÍTULO I

A educação não formal é caracterizada por um conjunto de ações e processos específicos que acontecem em espaços próprios, que tem como função a formação ou instrução de indivíduos sem a vinculação à obtenção de certificados próprios do sistema educativo formal, este regido e supervisionado pelas políticas educacionais oficiais. A conceituação de tais propostas e os fatores que suscitaram seu florescimento é discutida por vários autores, entre eles Ghanem e Trilla (2008) que explicam que a partir do século XIX, quando se expande o acesso à escola, o discurso pedagógico cada vez mais se limita a caracterizar educação como sinônimo de escolarização, quando na verdade:

A escola é uma instituição histórica. Não existe desde sempre nem nada garante sua perenidade. Foi e é funcional a certas sociedades, mas o que é realmente essencial a qualquer sociedade é a educação. A escola constitui apenas uma de suas formas, e nunca de maneira exclusiva. (GHANEM e TRILLA, 2008, p. 17).

De acordo com os mesmos autores, na segunda metade do século XX surge um discurso pedagógico reformista que convida a uma nova modalidade de educação, a educação popular ou não formal. Este novo discurso, embasado por uma conjuntura de fatores, derruba o paradigma do modelo tradicional, no qual a escola detinha a exclusividade do processo educativo. Além disso, nesta mesma época surge uma forte crítica à escola formal, por não conseguir levar os alunos a fazerem uma leitura clara da realidade, nem dar-lhes ferramentas para superá-las (GOHN, 1991; GHANEM e TRILLA, 2008). Na trilha deste novo discurso, Gohn (1991) esclarece que para o surgimento e expansão da educação não formal contribuíram os movimentos sociais que passaram a suscitar reflexões acerca das desigualdades de oportunidades a que estava sujeita uma significativa parcela da população relegada à margem de importantes conquistas sociais, econômicas e culturais. Esses movimentos sociais se mobilizaram a favor da expansão das oportunidades educativas, como forma de garantir o pleno desenvolvimento da cidadania. Esta mobilização alcançou maior impacto a partir dos anos setenta e sua matriz conceitual baseava-se no ideal de esclarecer os cidadãos sobre os seus direitos, através da difusão de informações que seriam úteis para que as classes

marginalizadas pudessem superar as desigualdades sociais. A conceituação desta nova forma de educação tem merecido a atenção de vários autores que buscam caracterizá-la através do viés pedagógico, social e histórico (GHANEM e TRILLA, 2008). De acordo com Gohn (2008, p. 134), entende-se por educação não formal:

[...] aquela voltada para o ser humano como um todo, cidadão do mundo, homens e mulheres. Em hipótese nenhuma ela substitui ou compete com a educação formal ou escolar. Poderá ajudar na complementação desta, via programações específicas, articulando escola e comunidade educativa localizadas no território de entorno da escola. A educação não formal tem alguns de seus objetivos próximos da educação formal, como a formação de um cidadão pleno, mas ela tem também a possibilidade de desenvolver alguns objetivos que lhes são específicos, via a forma e espaços onde se desenvolvem suas práticas, a exemplo de um conselho, ou a participação em uma luta social contra as discriminações, por exemplo, a favor das diferenças culturais, entre outras. Resumidamente, podem-se enumerar os objetivos da educação não formal como sendo: a) educação para cidadania; b) educação para justiça social; c) educação para direitos (humanos, sociais, políticos, culturais etc.); d) educação para liberdade; e) educação para igualdade; f) educação para democracia; g) educação contra discriminação; h) educação pelo exercício da cultura e para a manifestação das diferenças culturais.

No Brasil, a difusão destes novos espaços de educação, coube, também, aos movimentos sociais. Os trabalhos de Paulo Freire na década de sessenta, cunharam o termo educação popular, para designar esta nova modalidade educativa. De acordo com Gadotti (2000, p. 6):

O paradigma da educação popular, inspirado originalmente no trabalho de Paulo Freire nos anos 60, encontrava na conscientização sua categoria fundamental. A prática e a reflexão sobre a prática levaram a incorporar outra categoria não menos importante: a da organização. Afinal, não basta estar consciente, é preciso organizar-se para poder transformar. Nos últimos anos, os educadores que permaneceram fiéis aos princípios da educação popular atuaram principalmente em duas direções: na educação pública popular – no espaço conquistado no interior do Estado –; e na educação popular comunitária e na educação ambiental ou sustentável, predominantemente não governamentais. Durante os regimes autoritários da América Latina, a educação popular manteve sua unidade, combatendo as ditaduras e apresentando projetos “alternativos”. Com as conquistas democráticas, ocorreu com a educação popular uma grande fragmentação em dois sentidos: de um lado ela ganhou uma nova vitalidade no interior do Estado, diluindo-se em suas políticas públicas; e, de outro, continuou como educação não formal, dispersando-se em milhares de pequenas

experiências. Perdeu em unidade, ganhou em diversidade e conseguiu atravessar numerosas fronteiras.

Estes “milhares de pequenas experiências” supracitadas são representados pelas igrejas, institutos, fundações, comunidades de bairro, empresas e ONGs, que impulsionadas por motivações diversas criaram e começaram a apoiar programas e projetos com foco em educação não formal (Gadotti, 2000; Ghanem e Trilla, 2008; Barzano, 2009). De acordo com Gohn (2004), o conjunto destes agentes mais o aparato da educação formal originaram a chamada comunidade educativa, termo que a autora utiliza para ilustrar com muita propriedade a inter-relação da escola com a comunidade. Ainda, segundo a autora:

Comunidade educativa designa os atores participantes do processo educacional, dentro e fora das unidades escolares. Do ponto de vista metodológico operacional, o conceito envolve a comunidade escolar propriamente dita, composta de professores e especialistas (de apoio, coordenadores, orientadores pedagógicos), alunos, pais, funcionários e todo o staff administrativo da gestão interna (diretores, supervisores, etc.), a comunidade externa às escolas (Secretarias de Estado, Delegacias Regionais de Ensino e outros representantes da sociedade civil organizada), assim como a comunidade do entorno da unidade escolar, composta de organizações da sociedade civil que tratam de questões que dizem respeito à escola, ou seja, movimentos sociais, sindicatos, associações religiosas, Organizações Não- Governamentais (ONGs) que atuam no Terceiro Setor, organizações de empresários, etc. Considera-se, também, na comunidade do entorno da escola, a comunidade que ali reside e trabalha, não necessariamente pertencente a alguma entidade ou movimento social. (GOHN, 2004, p. 40):

A respeito destas parcerias que originaram os diversos agentes da educação não formal atualmente no Brasil, são inegáveis suas contribuições para o florescimento e democratização dos espaços de educação. Como as entidades não governamentais não são subordinadas às políticas educacionais do Estado, são livres para criarem seus próprios programas e metodologias, muitos deles pensados para atenderem minorias, como índios, idosos, moradores de rua, comunidades de favelas, etc., que não conseguem ser plenamente incluídas e nem alcançarem sucesso na escola formal (GOHN, 2000). De acordo com Barzano (2009, p. 183):

[...] as ONG não são apenas locais de assistência à população economicamente menos favorecida. Mais que isto, elas têm servido como polos difusores de conhecimentos, que participam tanto na

formação de crianças, adolescentes e jovens, como na formação continuada de professores [...]

Permite-se então com esse levantamento histórico traçar um paralelo entre a educação formal e educação não formal, pois se sabe que uma não sobrevive sem a outra. Contudo a educação não formal serve de subsídios para uma boa educação formal.

1.1 – Contextualização da Educação Não Formal

Gohn (2006) apresenta um artigo no qual destaca a educação não formal e seu papel no processo educativo mais geral. Diz também que a educação não formal é uma área de conhecimento ainda em construção.

Para a autora a educação formal pressupõe ambiente normatizado, com regras e padrões comportamentais definidos previamente. A não formal ocorre em ambientes e situações interativas construídos coletivamente, segundo diretrizes de dados grupos, usualmente a participação dos indivíduos é optativa, mas ela também poderá ocorrer por forças de certas circunstâncias da vivência histórica de cada um. Há na educação não formal uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes. A informal opera em ambientes espontâneos, onde as relações sociais se desenvolvem segundo gostos, preferências, ou pertencimentos herdados. A educação não formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo educativo. Um modo de educar surge como resultado do processo voltado para os interesses e as necessidades que dele participa.

A educação não formal poderá desenvolver como resultados, uma série de processos tais como: consciência e organização de como agir em grupos coletivos, a construção e reconstrução de concepções de mundo e sobre o mundo, os indivíduos adquirem conhecimento de sua própria prática, os indivíduos aprendem a ler e interpretar o mundo que os cerca.

Quando tratamos de educação não formal, a comparação com a educação formal é quase automática. O termo não formal também é usado por alguns investigadores com sinônimo de informal.

A construção das relações sociais baseadas em princípios de igualdade e justiça social, quando presentes num dado grupo social, fortalece o exercício da cidadania. A transmissão de informação, formação política e sociocultural é uma meta na educação não formal. Ela prepara os cidadãos, educa o ser humano para a civilidade, em posição à barbárie, ao egoísmo, individualismo, etc.

Os estudos de Maturana (1998) explicitam o sinônimo entre conhecer e viver. A noção de viver-conhecer está diretamente vinculada com o modo de relacionar-se e de organizar-se nessa relação, não se trata de adaptação ao meio. O viver-conhecer na relação significa, ao mesmo tempo, a criação/recriação desse espaço relacional, e de outros, e a criação/recriação do sistema em relação. Pode incluir, em algum momento, a adaptação, mas vai além dela.

Nessa relação criativa, meio-sistema, é que emerge o social. E o social é entendido como domínio de condutas relacionais fundadas na emoção originária da vida: o amor. Ao falar de emoção o autor não se refere ao que convencionalmente tratamos como sentimento. Emoção, neste caso, “são disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos” (1999, p. 15). Assim entendida, a emoção fundante do social- o amor- é elemento estrutural da fisiologia humana. Maturana (1998) afirma que o amor é a emoção fundante do social por que:

O amor é a emoção que constitui o domínio de condutas em que se dá a operacionalidade da aceitação do outro como legítimo outro na convivência, e é esse modo de convivência que conotamos quando falamos do social (MATURANA, 1998, p. 23)

Os espaços educativos constituem-se em fenômenos sociais que manifestam, com fundamento nas emoções, os pensamentos, os conceitos e os objetivos dos grupos sociais, num processo histórico e relacional, criando realidades que, nesta interação constante, recria os sujeitos nela participantes. Para Maturana (1998), este agir humano nas relações é cooperativo.

Como nos relata Paulo Freire (1996) não há docência sem discência. Ensinar não é transferir conhecimentos e conteúdos, nem formar é a ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos. O ideal é que, na experiência educativa, educandos e educadores, juntos, transformem este e outros saberes em

sabedoria. A construção do conhecimento implica o exercício da curiosidade, o estímulo à pergunta, a reflexão crítica sobre a própria pergunta. O sujeito que se abre ao mundo e os outros inauguram, com seu gesto, a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusa em permanente movimento na história.

Freire (1996) aponta que existem diferentes tipos de educadores: críticos, progressistas e conservadores, mas, apesar destas diferenças, todos necessitam de saberes comuns tais como: conseguir dosar a relação teoria/prática; criar possibilidades para o (a) aluno (a) produzir ou construir conhecimentos, ao invés de simplesmente transferir os mesmos, reconhecer que ao ensinar, se está aprendendo; e não desenvolver um ensino de "depósito bancário", onde apenas se injetam conhecimentos (informações) nos alunos; Saber "despertar no aluno a curiosidade, a busca do conhecimento, a necessidade de aprender de forma crítica".

Freire (1996) ainda destaca a necessidade de uma reflexão crítica sobre a prática educativa, pois sem ela a teoria pode ir virando apenas discurso; e a prática, ativismo e reprodução alienada. Quando diz que não há docência sem discência, quer dizer que: quem ensina 'aprende o ensinar', e quem aprende 'ensina o aprender', sendo este posicionamento muito importante para o autor. Desse modo, deixa claro que o ensino não depende exclusivamente do professor, assim como aprendizagem não é algo apenas de aluno, as duas atividades se explicam e se complementam; os participantes são sujeitos e não objetos um do outro.

Esses autores nos remetem a propor uma ação voltada para o ensino-aprendizagem que acontece em espaços educativos não formais, com suas dimensões sociais e culturais, demandando do educador um olhar de curiosidade frente à construção do saber.

CAPÍTULO II

Esta monografia tem como finalidade socializar reflexões quanto às questões da educação onde dimensões de aprendizagem acontecem considerando práticas educativas em espaços formais e não formais de ensino e integra as ações da pesquisa coordenada pela Prof.^a Dr.^a Gianine Maria de Souza Pierro, financiado pela Faperj, em 2012.

Nesta pesquisa, dedicada ao diálogo sistemático entre os sujeitos envolvidos professores, pesquisadores e alunos, buscou-se compreender as práticas interdisciplinares enquanto forma e conteúdo, ações e saberes e como proposta de discutir a educação não formal e a participação de professores e alunos, analisando e identificando essa relação, evidenciando o processo educativo.

Este projeto aconteceu na Escola Municipalizada CIEP 045 Porto do Rosa, em São Gonçalo – RJ, aonde nosso grupo de pesquisa vem construindo parcerias e assim fortalecendo relações entre a universidade e a escola básica. Essa escola atende do 1º ano ao 9º ano do ensino fundamental, sendo que a pesquisa foi realizada com alunos do ensino fundamental I do 1º ano ao 5º ano turno da tarde.

A receptividade dos professores em relação ao projeto foi de boa aceitação, pois tinham certeza que o mesmo contribuiria para ampliar o aprendizado dos alunos por ser uma nova experiência para todos, ou seja, integrar as ações do âmbito escolar com novas aprendizagens nos espaços não formais. Com esse projeto os professores puderam despertar outros temas em sala aula, já que vivenciaram na prática experiências que puderam contextualizar no cotidiano da escola.

Realizamos ações interdisciplinares e aprimoramos o processo de ensino-aprendizagem através das aulas passeio e da construção da sala de leitura. Essas ações tinham por objetivo dinamizar o aprendizado. Dessa forma as ações realizadas ampliaram práticas educativas, conceitos pedagógicos recriando os sujeitos participantes: professor-aluno. O projeto desenvolvido no CIEP 045 visou melhorar o processo de aprendizagem dos alunos do Ensino Fundamental.

2.1 – Visitas Exploratórias

Os espaços educativos não formais dentro da escola como a sala de leitura, os docentes e os pesquisadores do projeto observaram que o ensino-aprendizado acontece de uma forma descontraída e os mesmos colaboram para o cotidiano escolar para o conhecimento mais amplo dos conteúdos que os professores haviam programado para o ano letivo.

Essas ações que aconteceram fora do espaço escolar, com a parceria Universidade-Escola, promoveram troca de experiências colocando em prática as possibilidades do processo de ensino-aprendizagem.

Na perspectiva de dinamizar o projeto da escola, a partir da demanda dos professores, foram programadas várias aulas-passeio no intuito de ampliar os conhecimentos dos alunos. Participamos das visitas aos seguintes espaços educativos:

Fundação Planetário da Cidade do Rio de Janeiro – PLANETÁRIO

O Planetário da Gávea foi inaugurado, em 19 de novembro de 1970. A instituição, criada com o objetivo de ser um instrumento de divulgação da Astronomia e Ciências.

No início dos anos 80 o Planetário da Gávea já havia se tornado um polo de divulgação da ciência, também integrando a paisagem cultural do Rio de Janeiro.

No início dos anos 90, o Planetário da Gávea recebia cerca de 100 mil visitantes por ano para assistirem às sessões de cúpula, chegando à capacidade máxima. Era necessário ampliar e modernizar as instalações. O planetário modelo Universarium da Zeiss¹ foi a âncora deste processo. Em novembro de 1994, foi divulgado o primeiro esboço do espaço Museu do Universo². O projeto foi arrojado porque tratava de dar ao Rio de Janeiro um museu temático, interativo e integrado a uma rede de outros espaços museológicos autônomos. Este

¹ O Planetário Modelo Universarium da Zeiss foi planejado na forma de um nave espacial, era conhecido em 1994 como o primeiro esboço do espaço universo. É um projeto moderno capaz de projetar cerca de nove mil estrelas

² O Museu do universo – experimentos interativos que é composto por 60 experimentos.

projeto criou uma nova relação entre os visitantes e as exposições, utilizando a multimídia de forma lúdica e dando oportunidade para a interatividade com os objetos expostos. Conciliando informação, conhecimento e diversão, a ciência se integraria ao cotidiano.

No Planetário da Gávea aconteceu a primeira aula-passeio do projeto, em agosto de 2012. Os alunos e professores do 5º ano do Ensino Fundamental despertaram interesses e curiosidades, ainda aprenderam na prática, por meio dos experimentos, conteúdos como: surgimento das marés, as estações do ano e as configurações dos planetas. O ápice da atividade aconteceu no espaço da Cúpula, já que geralmente o melhor fica para o final. Assistimos ao filme: Dois pedaços de vidro³, baseado nas descobertas de Galileu Galilei sobre a luneta e as várias teorias de formação e evolução do universo. Ao final da exibição um astrônomo explicou e respondeu curiosidades dos alunos sobre o surgimento do universo.



Registro de imagem Planetário da Gávea/RJ - foto 1- junho/2012

³ Dois pedaços de vidro é um filme de versão brasileira de um documentário ficcional. Este filme conta a história de dois adolescentes que por curiosidade aprendem sobre o céu e seus mistérios.



Registro de imagem Planetário da Gávea/RJ - foto 2- junho/2012

Observamos com esta primeira atividade externa o encantamento dos alunos por estarem vivenciando um dia de aula totalmente diferente do cotidiano escolar, já que muitos não têm acesso a essas atividades culturais. Nesse intuito podemos afirmar a importância desse projeto ao proporcionar momento lúdico e de aprendizado.

Casa da Descoberta – UFF – Niterói

A Casa da Descoberta, o Centro de Divulgação da Ciência da Universidade Federal Fluminense, foi criada em 8 de junho 1999, com o objetivo principal de participar do processo de ampliação dos níveis de alfabetismo científico dos indivíduos em geral. O projeto piloto foi iniciado com uma exposição de experimentos de Física e Geologia, no Museu do Ingá, em Niterói. Naquele

momento este Centro de Divulgação de Ciência recebeu o nome de Palácio das Descobertas, uma referência ao local onde foi realizada - Palácio do Ingá - antiga sede do governo do Estado do Rio de Janeiro. Apesar de sua curta duração (entre 8 de junho e 11 de julho), o resultado alcançado, pelo Palácio das Descobertas foi muito além das expectativas. Registraram no livro de presença, 7980 (sete mil, novecentos e oitenta) visitantes, em sua maioria estudantes dos diversos níveis de escolaridade. Também estiveram presentes grupos de terceira idade e público em geral. A Casa da Descoberta foi inaugurada, em seu espaço definitivo, no dia 9 de novembro de 2000. Tais centros são fundamentais para divulgar a pesquisa desenvolvida na universidade, procurando despertar o interesse pela aprendizagem científica ao longo da vida indispensável ao cidadão contemporâneo. Esse projeto pretende também aumentar a interação com os professores, que trazem suas turmas para visita, promovendo a atualização dos mesmos em conteúdos científicos.

A Casa da Descoberta – UFF está localizada na Avenida Litorânea, no bairro da Boa Viagem, próximo à ilha do mesmo nome, no segundo andar do prédio do Instituto de Física, em uma área de 250m². As instalações são em local agradável e de fácil acesso, possuindo estacionamento para carros e ônibus escolares. Conta com o anfiteatro do Instituto de Geociências, com capacidade para 150 pessoas e também com a sala de vídeos do Instituto de Física, para mostra de vídeos e seminários.

Na Casa da Descoberta, alunos do 2º, 3º e 4º ano do ensino fundamental do Ciep 045 conheceram um local reservado a vários tipos de experiências, uma maneira diferente de mostrar aos alunos os conceitos dos conteúdos de ciências, realizando experiências com os próprios alunos. Na oficina todos os alunos construíram um caleidoscópio, um aparelho óptico formado por um pequeno tubo (régua) cartão e pequenos fragmentos de vidro colorido (miçangas coloridas) que, através do reflexo da luz exterior, em pequenos espelhos inclinados, apresentam a cada movimento combinações variadas e agradáveis de efeito visual.



Registro de imagem "Casa da Descoberta – UFF" foto 1 – agosto/2012



Registro de imagem "Casa da Descoberta – UFF" foto 2 – agosto/2012



Registro de imagem “Casa da Descoberta - UFF” foto 3 – agosto/2012

As experiências pedagógicas das aulas-passeios despertam, estimulam e desenvolvem a criatividade e o aprendizado dos alunos que vivenciam na prática temas encontrados nos livros didáticos em sala de aula.

Teatro Carequinha

O Teatro George Savalla Gomes, conhecido como “Teatro Carequinha”, foi inaugurado em 2007, na cidade de São Gonçalo, e comporta 220 lugares. Esta localizado no Colégio Estadual Hernani Faria, no bairro de Neves e foi uma readaptação do antigo auditório da escola. O espaço é utilizado como teatro municipal de São Gonçalo para apresentações a preços populares.

Neste evento, assistimos ao espetáculo “Os brinquedos de Bebel”, encenada pelo grupo “Estrada para a Cidadania”, projeto realizado em parceria com as secretárias municipais de educação do Estado do Rio de Janeiro, e direcionado a alunos do Ensino Fundamental I, constituído por um programa didático, ações educacionais e oficinas anuais para educadores que disseminam conceitos de segurança no transito, cidadania e proteção ambiental.

Nessa apresentação destacou-se a importância de valorizar os idosos e os objetos que fazem parte de uma história de vida. No final do espetáculo, a protagonista enfatizou a importância dos amigos e como devemos tratá-los, finalizando com um abraço coletivo entre os alunos.



Registro imagem "Teatro Carequinha" – São Gonçalo – foto 1 – setembro/2012



Registro de imagem dos personagens da peça com alunos – foto 2 – setembro/2012



Registro de imagem “Teatro Carequinha” foto 3 – setembro 2012



Registro de imagem “Teatro Carequinha” – foto 4 – setembro 2012

Conforme Pierro (2013) a dimensão da educação não formal está pautada pelas diferentes formas de aprendizagens na sociedade, aquelas que não acontecem dentro da escola como elemento regular e sistematizado do processo da escolarização. Podemos então identificar projetos, programas, instituições, grupos e

representações que produzem e socializam para este segmento escolar. Há na educação não formal uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes e na construção de aprendizagens e saberes coletivo.

Salão de Leitura de Niterói

O Salão da Leitura de Niterói é um evento promovido pela prefeitura de Niterói desde 2006, localizado no Caminho Niemeyer⁴. O evento tem como objetivo democratizar o acesso à leitura, oferecendo ao público contato com livros e atrações capazes de mobilizar discussões em torno das diferentes linguagens humanas. É ainda considerado uma das maiores feiras literárias e já faz parte do calendário oficial de eventos do município de Niterói e do Estado do Rio de Janeiro.

A terceira edição teve como fundamento promover a leitura no sentido mais amplo, diluída nas diversas linguagens da arte e do pensamento, tendo como foco o livro. O evento contou com aproximadamente 100 atividades, divididos entre lançamentos de livros, palestras, recitais, debates e espetáculos.

No 3º Salão de Leitura de Niterói participaram alunos da 1ª ao 4ª ano do Ensino Fundamental, com contação de história com a escritora Margarida Botelho, uma escritora portuguesa. Os alunos da escola acompanhados de professores e bolsistas do projeto visitaram vários estandes da feira e conversaram sobre o mosquito da Dengue sobre o contágio e prevenção da doença. Os alunos ganharam brindes e livros.

⁴ O Caminho Niemeyer é um conjunto de equipamentos culturais de grande valor arquitetônico. Projetados pelo arquiteto Oscar Niemeyer, nos bairros litorâneos na cidade de Niterói, Rio de Janeiro.



Registro de imagem contação de historia escritora Margarida Botelho – foto 1 - julho/2012



Registro de imagem “Mosquito da Dengue” foto 2 – julho/2012

Posteriormente a esta aula-passeio, a equipe do projeto apresentou aos alunos na sala de informática da escola, uma dinâmica de jogos educativos sobre o mosquito da dengue e sobre a leitura, contextualizando o conteúdo aprendido no espaço não formal.

2.2 - Sala de Leitura

O projeto teve como foco a leitura e a escrita no processo de aprendizagem e de formação, incentivando o desenvolvimento da imaginação, das emoções e dos sentimentos de forma dinâmica, prazerosa e significativa por meio da leitura infantil e culminou com a montagem de uma sala de leitura na escola.



Registro de imagem “Sala de Leitura CIEP 045” – foto 1 – abril/ 2012

A primeira proposta da Sala de Leitura foi a contação da história da fábula “A Cigarra e a Formiga”. A história, em síntese, aborda a atuação dos dois insetos/personagens: de um lado, a formiga que armazena comida para o inverno, por isso, valoriza o trabalho coletivo, já do outro lado a cigarra que só pensa em si e se preocupa apenas em cantar, sem pensar no amanhã. No fim da história, a formiga é solidária e oferece abrigo e alimento a cigarra. Em se tratando de uma fábula a moral da história contempla a ajuda ao próximo, isto é, a solidariedade, tema explorado na escola principalmente relacionando ao tema do “projeto Valores”.

Logo após a contação dialogamos com os alunos, a fim de refletir sobre a importância do outro em nossas vidas. Por fim os alunos reproduziram a historia através de desenhos livres.



Registro de imagem contação da história "A cigarra e a Formiga" foto 2 maio/2013



Registro de imagem contação de historia “desenho livre” foto 3 maio/2013

A proposta de realizar um projeto que investisse na qualidade da leitura e escrita nesta escola foi identificada pelos professores do Ensino Fundamental como uma meta para o ano de 2012, o que despertou e motivou esses professores a se envolverem nesta tarefa. Durante os anos de 2012 e 2013 foram colocados em prática, observadas e vivenciadas no CIEP 045 algumas práticas educativas visando à melhoria da qualidade de ensino dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A docência é uma ação complexa que exige dos professores, além do domínio do conteúdo específico, capacidade de incentivar os alunos, prestar atenção a suas dificuldades de aprendizagem, estimular trabalhos em grupos visando à cooperação e busca solidária na resolução de problemas; desenvolver a escuta ativa e o respeito às diferenças, reconhecendo a riqueza da diversidade cultural dos alunos sob todas as formas, dentro outros aspectos dos espaços educativos não formais.

Destacamos que olhar atentamente para as práticas desenvolvidas nas escolas é central na formação docente, principalmente porque a tarefa escolar supervisiona o comportamento do aluno numa determinada direção, indica os parâmetros para essa ação, mas não a determina. Cada aluno interpreta a tarefa de modo peculiar. Organizando os diferentes elementos que se entrelaçam no ensino: a matéria, o aluno, o professor, a atividade, o que se espera dessa ação, define o ambiente e o local. Indica como a informação do currículo escolar é processada na sala de aula, na interação professor-aluno e na mediação aluno-conhecimento-professor.

A pesquisa me proporcionou como estudante de graduação uma aprendizagem voltada para os espaços educativos não formais. A educação não formal é um complemento que acrescenta aos alunos outras possibilidades de aprendizagem.

Através do projeto “*A Universidade em Ação contribuindo para a qualidade da Escola Básica em São Gonçalo*” verificamos o interesse dos professores que nos acolheram e colocaram em prática sua formação docente e compartilharam seus saberes, suas experiências vivenciadas dentro e fora do contexto escolar. Conforme Foutoura (2011), temos apostado que o trabalho de formação do cotidiano escolar (tomando-o como ponto de partida) possibilita que nós da universidade e professores/as atuando nas escolas, não só reconheçamos a “teoria em movimento” presente nas nossas práticas, como ousemos construir ferramentas teórico-práticas que potencializem o nosso saber-fazer cotidiano.

Segundo Paulo Freire (1996) não há educação sem amor, numa proposta de cidadania e generosidade. A capacidade que tem a experiência pedagógica para

despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto de querer bem e o gosto da alegria sem a qual a prática educativa perde o sentido.

Ao vivenciarmos as aulas passeio, percebemos como os alunos de forma natural e tranquila absorveram esse aprendizado nestes espaços. Os resultados foram positivos, a aprendizagem fora do contexto escolar tornou possível essa articulação para contextualizar os conteúdos das disciplinas desenvolvidas nas salas de aula.

Conseguimos perceber como a parceria universidade e escola contribuiu, incentivou e ampliou o ensino-aprendizagem dos alunos nos espaços não formais.

Referências Bibliográficas

BARZANO, Marco Antonio Leandro. *Uma ONG e suas práticas pedagógicas: uma contribuição para a educação não formal*. Revista Faced, Salvador, n. 15, p. 179-198, jan./jul. 2009.

FONTOURA, Helena Amaral da. *Formação de Professores e Diversidades Culturais: múltiplos olhares em pesquisa*. Niterói/RJ: Intertexto, 2011.

_____, Helena Amaral da (org.). *Residência pedagógica: percursos de formação e experiências docentes na faculdade de formação de Professores da UERJ*. Niterói/RJ: intertexto, 2011.

FONTOURA, Helena A; PIERRO, Gianine; CHAVES, Iduina M. *Didática: do ofício e da arte de ensinar*. Niterói, Ed Intertexto. 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa*. São Paulo/SP: Editora Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. *Perspectivas atuais da educação*. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 3-11, abr./jun. 2000.

GHANEM, Elie; TRILLA, Jaume. *Educação formal e não formal: pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus, 2008.

GOHN, Maria da Glória. *Movimentos sociais e luta pela moradia*. São Paulo: Loyola, 1991.

_____, Maria da Glória. *Educação Não Formal e Cultura Política: Impactos sobre o associativismo do terceiro setor*. São Paulo. Editora Cortez (coleção questões da nossa época), volume 71, 1999.

_____, Maria da Glória. *Os sem-terra, Ongs e cidadania: a sociedade civil brasileira na era da globalização*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____, Maria da Glória. *Os Movimentos Sociais na Conjuntura Social e Política*. Petrópolis/RJ. Editora Vozes, 2000.

_____, Maria da Glória. *A educação não formal e a relação da escola-comunidade*. São Paulo Eccos: Revista Científica, v. 6, n. 2, p. 39-65, dez. 2004.

_____, Maria da Glória. *Espaços de educação não formal da sociedade civil*. São Paulo, Cortez 2004.

_____, Maria da Glória. *Educação não formal: participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas*. Ensaio: aval. Pol. Pub. Educ.; Rio de Janeiro, 2006.

_____, Maria da Glória. *Educação não formal e o educador social*. Revista de Ciências da Educação, Americana, n. 19, p. 121-140, 2º sem. 2008.

MATURANA, Humberto. *Emoções e Linguagens na Educação e na Política*. Editora UFMG. Belo Horizonte. 1999.

MORIN, Edgar. *A Educação e a Complexidade do Ser e do Saber*. Petrópolis, RJ. Editora Vozes. 2002.

PIERRO, Gianine Maria de Souza. *Arquitetura docente: construções e universos na formação de professores*. Niterói/RJ. Intertexto, 2013.

TRILLA, Jaume. *A Educacion non formal e a cidade educadora. Dúas perspectivas (unha analítica e outra globalizada) do universo da educacion*. In Revista Galega do Ensino, Galícia/Espanha. Especial: A educacion no século XX – uma análise panorâmica, número: 24. Setembro. 1999.

.

Endereços Eletrônicos

www.ufg.edu.br - acesso : 18/05/2014

www.ufscar.br - acesso: 18/05/2014

www.Mapadecultura.rj.gov.br - acesso: 03/08/2014

www.planetariodorio.com.br - acesso: 03/08/2014